

1968 - 2018: O QUE SE PERDEU? NO AR RAREFEITO DAS SOCIEDADES DE CONTROLE.

1968 - 2018: *WHAT HAS BEEN LOST IN THE THIN AIR OF SOCIETIES OF CONTROL?*

Sylvio Sousa Gadelha¹

Resumo

Tendo em vista os 50 anos que separam 1968 de 2018, o intuito, desse ensaio é tripo: primeiro, fazer uma breve recuperação e caracterização do que se passou no final da década de 1960; segundo, identificar, compreender e estimar o que se perdeu de lá para cá, e como e porque isso se deu; terceiro, aproveitar esse mapeamento para problematizar a relação entre a psicologia e a política. Por um lado, de abordar-se-á certa vertente da psicologia, a institucionalista, associada e afetada pelo espírito iconoclasta e contestatório daqueles anos rebeldes. Por outro, abordar-se-á outra tradição presente na história da psicologia, que se ocupou não em servir de intercessora ou potencializadora de transformações sociais, mas sim em garantir ou reforçar uma adaptação e/ou o ajustamento dos indivíduos à ordem social instituída, reproduzindo o establishment. De uma ponta a outra do ensaio, defende-se que, de 1968 a 2018, metaforicamente falando, passou-se de uma ambiência em que o ar disponível aos jovens era abundante e de melhor qualidade, para uma ambiência em que o ar foi se tornando cada vez mais rarefeito, comprometendo e inviabilizando seus movimentos insurgentes em nossa contemporaneidade.

Palavras-chave: 1968, Contracultura, Psicologia, Política, institucionalismo.

Abstract

Considering all that has happened in the 50 years that have passed between 1968 and 2018, the aim of this essay is threefold: first, to make a brief recovery and characterization of what happened in the late 1960s; second, to identify, to understand and to estimate what has been lost since then, and how and why it has happened; third, to use this mapping to problematize the relationship between psychology and politics. On the one hand, I will approach a strand of psychology, institutionalism, associated and affected by the iconoclastic and contestatory spirit of those rebellious years. On the other hand, another tradition present in the history of psychology will be dealt with. This tradition has not served as an intercessor or as a promoter of social transformations, instead it has served to guarantee or reinforce an adaptation and/or adjustment of individuals to the established social order, reproducing the establishment. Throughout the essay, metaphorically speaking, I argue that, from 1968 to 2018, the atmosphere has changed from one where the air available to young people was abundant and of the best quality to one in which the air has become increasingly thin, compromising and rendering unfeasible its insurgent movements in our contemporaneity.

Keywords: 1968, Counterculture, Psychology, Politics, institutionalism.

¹ Professor do Depto. de Fundamentos da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED/UFC), Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da FACED-UFC, Brasil. E-mail: ssgc2018@gmail.com

Maio de 68 não ocorreu. Gilles Deleuze e Félix Guattari (2016, p. 245)

É a história dos futuros não realizados. A história está cheia do que aconteceu e do que não aconteceu, e o que não aconteceu ainda está disponível, está ao alcance das mãos. Patrick Boucheron (2018, p. 57)

1. INTRODUÇÃO

Tanto a mente quanto o corpo de um ser humano sofrem efeitos significativos caso se submetam a altas altitudes, em que o frio é cruel e o ar é rarefeito, tal como se observa no caso dos alpinistas que buscam conquistar o cume do Everest, com seus 8.848 metros de altura. Lendo uma reportagem sobre o assunto¹, fiquei a par de que se alguém saísse diretamente do nível do mar para tal altitude, não demoraria mais do que alguns segundos para desmaiar e apenas poucos minutos para morrer. Por outro lado, caso tivesse o cuidado de, antes de tal empreitada, passar por uma aclimatação por algumas semanas - e esse é um procedimento de praxe para todos os alpinistas -, as mudanças daí advindas lhe permitiriam tanto uma adaptação quanto a sobrevivência de seu organismo.

Mas, o que me leva a iniciar esse ensaio aludindo aos riscos decorrentes de alguém se encontrar em meio a uma ambiência em que impera um ar rarefeito? Afinal, o que isso teria a ver com um dossiê que pretende problematizar a relação entre a psicologia e suas disciplinas, sejam elas epistemológicas, éticas, ou políticas? Tendo em vista os 50 anos que separam 1968 de 2018, bem como as reflexões e os debates que em todo o mundo comemoram e/ou auscultam aquele misto de fenômeno e acontecimento, tanto em relação ao seu espírito quanto aos seus efeitos e desdobramentos, meu intuito, nesse breve ensaio, é triplo: em primeiro lugar, consiste em fazer uma breve recuperação e caracterização do que se passou no final daquela intempestiva década de 1960; em segundo lugar, a partir de uma perspectiva ampla, tentar identificar, compreender e estimar o que, daquele misto de fenômeno e acontecimento, se perdeu de lá para cá, e como e porque isso se deu; em terceiro lugar, aproveitar-me desse percurso cartográfico e interrogativo, tomando-o a um só tempo como meio e pretexto para problematizar a relação entre a psicologia e a política, mais especificamente, entre certa psicologia estreitamente associada e afetada pelo espírito iconoclasta, contestatório e revolucionário daqueles anos rebeldes - encarnando, pois, uma espécie de devir indisciplinado da psicologia -, e, de outra parte, certa psicologia que, ao contrário dessa primeira, parece ter ficado alheia a toda aquela agitação intensiva, política e contracultural, ocupando-se, não em servir de intercessora e/ou potencializadora de transformações sociais, mas sim em garantir e/ou reforçar um movimento de adaptação e/ou ajustamento dos indivíduos à ordem social instituída, reproduzindo, pois, o *status quo*, o *establishment*.

A ideia que me veio à consciência, após ter sido convidado para participar desse dossiê, foi a de que, de 1968 até o nosso presente, tudo se passa como se o “ar que respiramos”, sobretudo, nas sociedades capitalistas, particularmente desde o advento do neoliberalismo e, correlativamente, do anarcocapitalismo norte-americano, tivesse se tornado gradativamente cada vez mais rarefeito, ao mesmo tempo em que ambiência político-econômica e sociocultural que lhe concerne parece ter se transmutado de tal modo a converter-se em inóspita, impessoal, instável, desmedidamente excitada, além de selvagem, brutal, para não dizer distópica, daí decorrendo consequências funestas e empobrecedoras para nossa formação, nossos horizontes existenciais, nossos processos de subjetivação, nossas relações de sociabilidade, nossa sensibilidade, nossas práticas e nossos modos de exercitar o pensamento, sobretudo, no que isso respeita às condições de vida colocadas aos jovens e por eles efetivamente experimentadas.

Tudo se passa, pois, como se um pouco de todas essas coisas tivesse perdido, sem que tenhamos nos dado plenamente conta disso, parte significativa tanto de sua riqueza e de seu elã, quanto de seu viço, seu brilho, sua potência, sua vitalidade. Talvez esta metáfora do ar rarefeito não seja a mais apropriada ou mesmo produtiva para dar bom curso à problematização proposta nesse dossiê, mas, em todo caso, disponho-me a correr o risco de explorá-la e, quem sabe, partilhar com os leitores desse desprezioso ensaio algo de eventualmente interessante, se porventura tiver a sorte de encontrá-lo, ou produzi-lo.

2. OS “ANOS 68”: UM MISTO DE ACONTECIMENTO, ÉPOCA E AMBIÊNCIA HISTÓRICO-SOCIAL.

Começo propriamente minhas considerações remetendo-me a um misto de acontecimento, época e ambiência histórico-social, misto este que associo, tomando Nietzsche como intercessor, a uma *grande saúde*, e isso, dentre outras razões, pelo fato de que o ar que então o trespassava e o envolvia pouco tinha de rarefeito, muito pelo contrário. Buscarei identificá-lo, localizá-lo no tempo e no espaço, tentando, além disso, expressar o que seria essa sua grande saúde e, desse modo, esclarecer, por fim, em que sentido o ar que lhe concernia não era rarefeito, e sim, abundante e da melhor qualidade.

Início fazendo, em termos temporais, uma primeira precisão: o misto a que me refiro, rigorosamente falando, nem começa nem se encerra no ano de 1968, haja vista que, na verdade, remete ao que seriam, conforme bem assinala Erick Corrêa (2018, p. 14) os “anos 68”, no plural. E isso porque estes implicam simultaneamente duas coisas distintas. Por um lado, com vistas ao passado, envolvem um condensado de atualizações de tendências, tanto comportamentais - relativas às mentalidades, aos valores, à relação com corpo, com as drogas e com a sexualidade - quanto político-econômicas, socioculturais, tecnológicas e geracionais, as quais, de um modo ou de outro, já vinham virtualmente se esboçando desde o fim dos anos 1950 e início dos anos 1960, embora carecessem ainda de maior visibilidade e dizibilidade. Por outro lado, com vistas ao descortinamento de novos possíveis, apontando, portanto, ao porvir, esses “anos 1968” também envolveram rupturas, descontinuidades, e isso pela emergência do novo e da diferença a que deram ensejo, afetando praticamente todos os domínios que compunham as sociedades contemporâneas, sobretudo, nos países que viviam sob o regime capitalista. Nesse sentido, agitados, iconoclastas e extemporâneos que eram, os “anos 1968” estenderam-se até os anos iniciais da década de 1970, englobando-os e anunciando, através das múltiplas manifestações políticas e culturais dos jovens da geração dos *baby boomers*, particularmente daqueles nascidos logo após o final da II Guerra Mundial, manifestações estas entre inocentes e absolutamente urgentes, que eles já não queriam nem tinham como viver suas vidas submetendo-se sem mais a uma série de tradições, costumes e valores instituídos. Nessa perspectiva, esses jovens se recusavam a mimetizar o estilo de vida de seus pais, ou seja, daqueles que encarnavam a chamada “geração silenciosa”, nascidos aproximadamente entre 1925 e 1945, muitos dos quais lutaram seja na II Grande Guerra Mundial, seja na guerra da Coreia.

Dito isto, faço uma segunda precisão e situo, agora, em termos espaciais, aquele misto que me referi acima, que não é outra coisa senão esses “anos 68”. Ora, estes nem têm início nem se encerram em Paris, como se esta cidade fosse seu epicentro. Eles se inventam, se tecem e se experimentam também alhures, de forma heteróclita em meio a uma espécie de zig-zague transversal, errático, surpreendente e de mão dupla, que se move seja dos Estados Unidos (San Francisco, Chicago) à Europa (Londres, Paris), seja do Oriente asiático (Tóquio) à América do

Sul (São Paulo, Rio de Janeiro, Santiago), seja ainda do leste europeu (Praga) à América Central (Cuba), para ficar só em algumas possibilidades. Essa trans-espacialidade dos anos 1968 é parcialmente abordada por Erick Corrêa (2018, p. 14) nos seguintes termos:

Na Itália, por exemplo, a contestação eclode um ano antes da rebelião na França, arrastando-se por mais de dez anos. Na Península Ibérica, Portugal e Espanha conjugam a queda dos regimes fascistas e a explosão de aspirações socialistas e libertárias um pouco mais tarde, respectivamente entre 1974-75 e 1975-76. Na Polônia, o movimento estudantil de massas que explode em 1968, inspirado pelo levante proletário de 1956, repercutiria, por sua vez, o levante operário em estaleiros navais das cidades de Gdansk, Gdynia, Elblag, Szczecin, em 1970, contra a burocracia stalinista do Partido Operário Unificado.

As agitações espaciotemporais a que eles encarnam, de outra parte, ressoam de algum modo com a derrubada de mitos emblemáticos forjados ao longo do século XX, essa “era dos extremos”, para falar com o historiador Eric Hobsbawm. Vejamos, por exemplo, como o sociólogo Edgar Morin (*Apud* Matos, 1989, p. 8-9) nos dá uma medida desses verdadeiros abalos:

Assim como o mito da URSS destruiu-se a si mesmo graças a Nikita Krushev em 1956, o mito da China se autodestruiu de 71 a 78, graças a Mao Tsé Tung, Lin Piao, ao bando dos quatro (...); o mito do comunismo cambojano se autodestruiu com Pol Pot (76-78), o mito do Vietnã liberador se autodestruiu com os *boat people* (76) e a ocupação do Camboja (78); mesmo Cuba, o miniparaíso tropical, transforma-se em inferno portátil. A decomposição da salvação terrestre arrasta o colapso do marxismo.

3. DA GRANDE SAÚDE, OU DE QUANDO O AR, APESAR DE TUDO, NÃO ERA RAREFEITO:

Os anos que se estendem de 1945 a 1975, aproximadamente, portanto, do final da II Grande Guerra Mundial até pouco antes do advento do neoliberalismo, ficaram conhecidos como “os trinta anos gloriosos”, haja vista terem sido associados a um período de forte crescimento econômico, verificado, sobretudo, nos países ditos desenvolvidos, a maioria dos quais membros da **Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico** (OCDE). Não obstante esse crescimento, esses anos se revelam paradoxais, uma vez que lufadas de ar fresco e certo otimismo, que sobrevieram com a liberação do pós-guerra coexistiam, de um lado, com a dura realidade dos males tardios do imperialismo e do colonialismo, particularmente no que se refere aos países do terceiro mundo, como as guerras de independência, a concentração de riquezas nas mãos de pequenas elites, a proliferação da fome, da miséria, de doenças, do analfabetismo e, de outro, com um intenso processo de empresariamento das sociedades ocidentais, então convertidas em sociedades burocratizadas, de espetáculo e de consumo de massa, atadas umas às outras pela força midiática da televisão, fazendo do mundo uma “aldeia global”, no dizer de Marshall McLuhan. A nova classe média norte-americana, os *white collars* estudados por Charles W. Mills, animada pela ética protestante, empenhava-se a todo custo em autopromover-se, almejando ascensão social, independência financeira e conforto material. Com essa obsessão em mente, todavia, logo se viu cooptada pelo *establishment*. Isso, em primeiro lugar, pela propaganda, que a um só tempo tanto a fazia entulhar seus lares de todos os tipos de eletrodomésticos e produtos supérfluos, quanto a anesthesiava com banalidades da cultura de massa e do entretenimento; em segundo lugar, essa cooptação se dava por uma identificação passiva com os valores exalados e celebrados pelas grandes

corporações empresariais, assim como por uma submissão dócil a um monótono, estereotipado e previsível cotidiano, típico do mundo dos negócios. As subjetividades tornaram-se, pois, serializadas. Não por acaso, aspectos ligados a essa questão aparecem destacados num trecho do relato de Mario Japa e de Shizuo Ozava (Apud. Ferrer, 2011, p. 54) sobre a geração de 1968:

A industrialização das sociedades exacerbou a padronização de quase tudo, em nome da produtividade. A família devia ter pai, mãe e dois filhos, a escola é uma fábrica de profissionais qualificados. Casas, roupas, comidas, carreiras, tudo o mais idêntico possível, feito numa cadeia de produção. O ideal da uniformização não tinha ideologia, ainda que o comunismo o levasse mais a fundo, com o partido único tentando extirpar ideias dissidentes.

Dos Estados Unidos à França, guardadas as diferenças, e levadas em consideração questões de classe, um mesmo mal-estar ronda os jovens. Nas palavras belas e contundentes de Angelo Quattrocchi e Tom Nairn (1998, p. 37):

A sociedade é uma flor de plástico. O molde é velho, mas frescos jatos de tinta foram acrescentados. Flores de plástico não morrem. Derretem sob o calor. Dê-nos hoje o pão nosso de cada dia, nosso suborno mensal. Adapte nossos sonhos e desejos, para que eu e somente eu possa manter-me de pé. Segurarei com mão firme meu emprego no escritório, suportarei sem orgulho meu emprego na fábrica. E quando as horas solitárias de minha sobrevivência se esgotarem, quando voltar ao meu casulo - meu júbilo - , minha família dirá que estou certo. E doces e graves coros modularão em ondas longas a comunhão elétrica com os que são escravos como eu. As ondas têm carregado sons inquietantes dos filhos privilegiados que se agitam em seus claustros. O muro do consenso rachou, e só a determinação pode remendá-lo.

Em relação ao que se passava do lado de lá da *cortina de ferro*, o Ocidente, particularmente desde meados dos anos 1950, começa a ter uma noção mais realista das aberrações que tiveram lugar sob o chamado *socialismo real*, conduzido sob a mão de ferro do exército vermelho: totalitarismo de Estado, sociedades altamente policiadas, *gulags*, assassinatos, expurgos, repressão a iniciativas autonomistas, tanto na Hungria quanto na Polônia, dentre outros. Por seu turno, no velho continente europeu, em que vigorava a socialdemocracia, o que se apresentava como campo da política progressista e de esquerda havia sido gradativamente dominado pelos partidos comunistas, que, por sua vez, tornaram-se meras correias de transmissão das diretrizes apontadas autoritariamente pelo PC soviético, fazendo dos anarquistas e de outras correntes maximalistas e libertárias, instâncias minoritárias e marginais.

Contudo, nem a alienação e o comodismo que se instalaram com o *American way of life* nem a repressão, o dogmatismo e as agruras do totalitarismo de Estado soviético foram capazes, por si sós, de evitar que algo vazasse, fugisse e resistisse às injunções reguladoras e normalizadoras dessas *sociedades disciplinares*, conforme as designou o filósofo francês Michel Foucault. Com efeito, tais sociedades, em que pese seu *modus operandi*, que tanto atuava no nível microfísico, através das disciplinas, quanto no nível macrofísico, através dos biopoderes e da biopolítica, lançando mão em ambos os casos de um uso estratégico da sexualidade como elemento decisivo à normalização e medicalização social, ainda pois bem, elas não eram capazes de dar conta, por completo, de energias e espaços vitais livres e erráticos que teimavam em permanecer soltos e fluidos, e que, pelo menos virtualmente, desde que agenciados com inventividade e paixão, bem poderiam ensejar rupturas e mutações no tecido social, o que de fato veio a ocorrer com as agitações intensivas dos anos 1968. A recusa a essas ordens sistêmicas, por assim dizer, tem múltiplas faces e infelizmente não tenho como explorá-las a contento nesta ocasião; entretanto, gostaria de assinalar

alguns elementos disruptores que alcançaram especial ressonância e fermentação naquele período, na medida em que se entrecruzavam uns com os outros, fecundando-se e vitalizando-se mutuamente.

Nos EUA, desde meados dos anos 1950, temos a emergência de uma subcultura juvenil, fortemente associada, de um lado, à transgressão, a uma rebeldia “sem causa” e, de outro, a uma sexualidade vista como entre “anormal” e desregrada. Essa subcultura tendeu a uma espécie de universalização, por força da disseminação de produções hollywoodianas que celebravam ícones como James Dean, Marlon Brando, Sal Mineo, Paul Newman, Warren Beatty e Natalie Wood. Ela se movia, além disso, animada pelo ritmo contagiante e irreverente de um novo tipo de música, o Rock and Roll, mistura insólita de elementos provindos de estilos musicais diversos, como o do country, o do blues, o do rhythm and blues, o do gospel e o do soul, amálgama este capitaneado originalmente por Chuck Berry, Little Richard e James Brown, para depois vir a ser assimilado ao mundo dos brancos, não sem uma mediação decisiva de programas televisivos como os de Ed Sullivan, Milton Berle e Steve Allen, que juntos difundiram performances de Bill Halley, Elvis Presley, Carl Perkins e Jerry Lee Lewis. Uma face dessa subcultura juvenil irá se agenciar às lutas pelos direitos civis e contra o racismo; outra irá se compor com os valores e práticas alternativos professados pelos chamados *beatniks*; outra, ainda irá se associar à contracultura, ao pacifismo, à experimentação das drogas, à liberação sexual, à contestação estudantil e, por fim, à onda de protestos generalizados contra a guerra do Vietnã.

Tudo isso, de outra parte, irá repercutir do outro lado do Atlântico, a começar por Liverpool e por Londres, celeiros musicais, respectivamente, de fenômenos como os Beatles, os Stones, o The Who, o Cream, os Yardbirds e o Pink Floyd, para mencionar apenas alguns nomes. A Paris de Godard, Daniel Cohn-Bendit, Guy Debord e Félix Guattari; a Berlin de Rudi Dutschke; a Londres de Twiggy, Eric Clapton e Jimi Hendrix; assim como a San Francisco de Emmett Grogan e do Creedence Clearwater Revival; a Chicago de Abbie Hoffman, Jerry Rubin e Tom Hayden; a Nova York de Andy Warhol, dos Panteras Negras, de Bob Dylan e do The Mamas & the Papas; todas funcionavam em plena ebulição criativa, grávidas de experimentações a um só tempo estéticas e políticas, constituindo-se como caixas de ressonância de novas tendências, valores e experimentações de novos modos de existência.

O que queriam esses jovens que, de leste a oeste, de norte a sul, e vice-versa, não obstante suas diferentes histórias, circunstâncias e situações, pareciam abraçar, entanto, de forma resoluta, confiante, alegre e heroica, bandeiras que lhes eram tanto comuns quanto urgentes? Ouçamos três testemunhos de personagens brasileiros que viveram intensamente sua juventude naquela época, respectivamente, o de Cecília Coimbra (*Apud Ferrer*, 2011, p. 42), o de Mario Japa e Shizuo Osava (*Apud Ferrer*, 2011, p. 54), e o de Eliete Ferrer (*Apud Ferrer*, 2011, p. 76):

Queríamos mudar o mundo, era a nossa questão básica; mais: tínhamos a certeza de que isso ia acontecer (...) Não nos passava pela cabeça que o ser humano pudesse passar seu tempo de vida sobre a terra, alheio aos problemas sociais e políticos; esta era para nós a pior das alienações. Foi assim que, nos anos 60, produziu-se uma arte política, uma cultura voltada para a questão social. Muitos da geração comprometeram suas vidas com a política e seu modo específico de encarar a realidade.

O reconhecimento da diversidade como valor e princípio vital, em contraposição a séculos de valorização da homogeneidade - massificação era o termo da época -, foi uma reviravolta que o mundo sofreu naquela década. Entrou na ordem do dia o respeito à diversidade étnica, sexual, humana, biológica, de pensamento, religiosa, cultural. Nesse sentido, o tropicalismo estava mais de acordo com os novos tempos que outras “escolas” artísticas e os militantes revolucionários.

Comentávamos, no Oklahoma, a guerra do Vietnã, os escritos de Marcuse, McLuhan, Lévi-Strauss, Sartre... Éramos otimistas inveterados! Tínhamos completa e indiscutível certeza de que mudaríamos os rumos da política mundial, que construiríamos uma sociedade mais justa, sem desigualdades. Todo mundo falando, alto ou aos sussurros, conforme o assunto. Muito barulho, vozes humanas jovens. Vida.

Esses três relatos, cada um a seu modo, são portadores de signos e intensidades que remetem a uma *grande saúde*. De fato, os anos 68 são marcados indelevelmente pelos seguintes traços: em primeiro lugar, um misto de grande generosidade no que tange ao cuidado para com o outro, e de abertura e acolhida, no que se refere à alteridade; em segundo lugar, uma ousadia frente a eventuais riscos e um misto de desprendimento e disposição à experimentação e invenção de novos modos de existência; em terceiro, um misto de questionamento, desconfiança, irreverência e impaciência em face da autoridade, da tradição e de todos aqueles “com mais de trinta” (anos de idade); em quarto, uma potência instituinte que, no limite, almejava poder reinventar praticamente tudo na sociedade; em quinto, por fim, uma sincera e forte indignação diante do amesquinamento da vida, das arbitrariedades e injustiças, da hipocrisia e dos mandos e desmandos do poder. Ora, todos esses signos e essas intensidades, tal como dito acima, são expressões de uma grande saúde, no sentido nietzscheano. De fato, em primeiro lugar, porque suas lutas e protestos funcionavam como meios para a transmutação de valores e para as almeçadas transformações sociais; em segundo, porque fortaleciam e ampliavam um perspectivismo que redefinía as relações entre saúde e doença, bem como os sentidos de ambos os estados, em face dos quais, aliás, a vida deixava de ser um mero tema e convertia-se num problema; em terceiro lugar, porque eles eram eminentemente ativos, e não reativos; em quarto lugar, conforme apontado no Dicionário Nietzsche, organizado pelo Grupo GEN (Marton, 2016, p. 249), porque remetiam a uma saúde “que não se pode simplesmente possuir, mas que sempre tem de ser conquistada e reconquistada, na medida em que é necessário abrir mão dela uma vez adquirida”. Isso me traz à mente belas palavras de Torquato Neto (1982, s/p.), em trechos da letra de *Mamãe Coragem*, musicada por Caetano Veloso: “Mamãe, mamãe não chore (...) A vida é assim mesmo eu quero mesmo é isto aqui (...) Mamãe, mamãe não chore (...) Eu quero, eu posso, eu quis, eu fiz, Mamãe, seja feliz.” Paradoxo! O poeta de espírito frágil tem a força salutar de fazer vibrar corações e mentes entorpecidos e amedrontados, assim como o fizeram, nos dizem Angelo Quattrocchi e Tom Nairn (1998, p. 44), os estudantes do Maio de 68 parisiense:

Rebelaram-se os adolescentes, os garotos da escola secundária, que suam absurdos em seus liceus reformatórios. Aos 15, 18 anos no máximo, eles têm a idade dos heróis de que falam os compêndios amarelados e cheios de poeira. A idade de Helena de Tróia, a idade de Pátroclos morto pelo experimentado Heitor, pai e líder; a idade do mito que os mitos não podem destruir. Impiedosos e alegres, presos a laços de respeito que cultivam zelosamente. Pulôveres e jeans reivindicarão as ruas, zombando selvagememente dos ídolos ociosos, ontem tão poderosos. Egressos das salas de aula, eles se riem do absurdo do ensino e do aprendizado, e recusam o papel de carneiros, recusam-se a balir dados sobre batalhas sangrentas e histórias imbecis de generais assassinos.

4. O QUE SE PERDEU E COMO E PORQUE ISSO SE DEU: NO AR RAREFEITO DAS SOCIEDADES DE CONTROLE.

O que se passou de 1968 a 2018? Há como identificar e visualizar melhor o que de precioso se perdeu, no todo

ou em parte, no meio do caminho, ou durante esse período de nossa história recente? Além disso, de que modo podemos compreender mais apuradamente *como* e *porque* algo de precioso teria se perdido de lá para cá, no todo ou em parte? Não tenho a pretensão de responder categoricamente a nenhuma dessas duas perguntas; limito-me, aqui, apenas a explorá-las e a sugerir algumas pistas interpretativas e problematizadoras.

Algo que merece ser apontado, de saída, é afastar a ideia de que toda a intemperividade e as agitações próprias aos anos 68 simplesmente se esvaíram e evaporaram sem mais nem menos, como que espontaneamente, seja por cansaço, seja porque desde o início sempre teriam sido, na verdade, demasiado fantasiosas e pueris, carentes de maior substancialidade e inconsequentes. Decerto que muita besteira e muito barulho tiveram lugar naquela festa dionisiaca, mas não se deve esquecer, contudo, que forças da ordem, reativas e repressoras, trabalhavam à surdina para esvaziar e desacreditar os múltiplos movimentos daqueles jovens carbonários, sabotando-os, enfraquecendo-os e inviabilizando-os. No livro *Maió de 68*, Sergio Cohn e Heyk Pimenta (2008, p.9) assim se pronunciam sobre o assunto:

E não se pense que foi uma dissolução natural. Como lembra o artista visual norte-americano Robert Crumb: “Um monte de gente, inclusive as próprias pessoas que viveram naquele tempo e sustentaram aquelas ideias, têm a impressão de que toda a magia dos anos 1960 apenas se esvaneceu, desaparecendo sozinha, vítima de seu próprio esgotamento e do excesso de bobagens. Acho que isso não é inteiramente verdade. Existiu uma ação repressiva organizada, sistemática, contra cada uma das manifestações”. Ou, como disse o poeta *beat* Lawrence Ferlinghetti: “Nos anos 1960 nos chamavam de paranoicos, nos anos 1970, de ingênuos”. O fato a que Ferlinghetti se refere é a abertura dos arquivos do FBI, onde se mostravam as ações contra os hippies e os movimentos negros.

Nos países sul-americanos, as ditaduras militares, ao instituírem o Estado de exceção, a prática da tortura e o assassinato de milhares de jovens, sem dúvida, sufocaram as insurreições dos estudantes e desmantelaram cruelmente os grupos que optaram pela luta armada. O expediente da censura, por outro lado, empobreceu muito criação artística e castrou a liberdade de expressão, debilitando ainda mais o espírito contestatório dos jovens.

Heliana Conde Rodrigues (2013, p. 627) nos ajuda a compreender melhor a posição, ou o diagnóstico de Gilles Deleuze e Félix Guattari em relação ao que sucedeu a maio de 68:

Deleuze e Guattari avaliam que em maio de 68 algo da *ordem do desejo* se fez visível à escala do conjunto da sociedade, sendo invisibilizado a seguir tanto pelo Poder de Estado quanto pelos partidos e sindicatos (ditos “operários”), esquerdismos e imperialismos significantes da intelectualidade. Se estes são os dirigentes (políticos e/ou teóricos) e os dirigentes traem, nada há de espantoso; surpreendente é que os dirigidos continuem a escutá-los. Há que procurar, pois, na produção de subjetividade capitalística o engendramento dessa cumplicidade inconsciente que se propaga “do poder aos burocratas, dos burocratas aos militantes e dos militantes às próprias massas”.

Não obstante a influência de tais fatores, e seguindo a pista sugerida por Deleuze e Guattari, o que me parece mais decisivo para o esmorecimento e comprometimento da força, da inquietação, da criatividade e do espírito rebelde dos anos 68 - e é justamente isso o que se perdeu, isto é, o que nós e nossas sociedades perdemos -, pois bem, o que me parece mais decisivo para que isso tenha ocorrido passa por uma trílice inscrição: em primeiro lugar, pelo advento de um novo capitalismo, doravante transnacional, conexcionista, especulativo-financeiro e, para alguns, cognitivo; em segundo, pela passagem das sociedades disciplinares às sociedades de controle, tal como brevemente

caracterizadas por Gilles Deleuze (1992); em terceiro lugar, pelo advento de uma nova arte de governar, neoliberal, sobretudo, aquela especialmente embasada pelas ideias dos economistas da famosa Escola de Chicago, cujos principais expoentes foram Friedrich Hayek, Milton Friedman, Theodore Schultz e Gary Stanley Becker, dentre outros notáveis. Esses três fatores, estreitamente ligados uns aos outros, e funcionando em conjunto, fazendo com que o Estado passasse a governar para o mercado, tornaram o ar que os jovens respiravam rarefeito, sufocando-os e desvitalizando-os, e isso, não nos esqueçamos, desde meados dos anos 1970. Foram esses três fatores, agenciados entre si, em meu entender, que substituíram a política pela *gestão empresarial*, que desvitalizaram e adoeceram nossos jovens e nossas sociedades, narcotizando-os, dessensibilizando-os, fragmentando-os e deles subtraindo sua potência de invenção de novos mundos possíveis, ou de um novo *comum*, como querem Antonio Negri e Michael Hardt (2016), bem como Pierre Dardot e Christian Laval (2017).

De todo modo, a título de exemplo, com esse fim em vista e movida por uma verdadeira fobia de Estado, a governamentalidade neoliberal estadunidense a que me referi acima desmanchou praticamente toda uma rede responsável pelo bem-estar e pela seguridade social dos indivíduos e das populações, desarticulou o mundo da produção – o que, em consequência, levou à flexibilização, à terceirização, ao *leasing* e ao fenômeno da “uberização” do mundo, processos que tiveram como corolário perverso uma precarização crescente e generalizada da vida dos indivíduos, sobretudo, dos jovens. Some-se a isso o fato de que, além de ter instituído a concorrência como princípio formalizador maior do *socius* - jogando uns contra os outros -, disseminou também a *forma-empresa* por todo o tecido social, convertendo os indivíduos em empresários de si mesmos, ou em empreendedores.²

Passado o grito lancinante de protesto dos punks, o ocaso dos anos 1970 trouxe consigo o semblante melancólico, frágil e sombrio dos jovens que aderiram à onda *dark*. Envolto numa crise que alguns denominaram de *pós-moderna*, muitos jovens passaram a se remeter ao passado pela via de um hedonismo pueril e de um saudosismo romântico e vão, tal como sucedeu na década de 1980, quando vigorou uma grande “onda retrô”. Esvaziadas as metanarrativas modernas, e vendo-se muitos jovens incapazes e/ou impossibilitados de vislumbrarem com convicção perspectivas animadoras para o futuro, o qual, no mais das vezes, se lhes aparecia a um só tempo como estranho, sedutor, inefável e distópico (*Blade Runner*), eles se apegaram desesperada e febrilmente ao gozo de prazeres imediatos e fugazes; órfãos de pais, de educadores, de assistência social e do Estado como um todo, acostumaram-se a se dopar com doses cavalares de MTV e enganar o tempo assistindo a desenhos animados como o da dupla *Beavis and Butt-head*. Estupidificação da vida cotidiana, incredulidade, sentimento de impotência e prostração: eis alguns dos signos e afetos que gravitam em torno dos jovens dos anos 1990. Não é outra a atmosfera apresentada no polêmico filme *Kids* (1995), dirigido por Larry Clark.

De lá para cá, em meio à vertigem das novas tecnologias da informação e da comunicação (TICs), bem como à aceleração do real, os jovens têm experimentado a sensação de um incômodo desencaixe com a contemporaneidade, época na qual predominam sociedades que capitularam frente ao anarcocapitalismo e se submeteram à lógica de um empresariamento generalizado. Esse desencaixe se dá, dentre outras coisas, na medida em que se veem entregues à própria sorte e que engrossam as fileiras emergentes do que o jornalista e ativista inglês Guy Standing (2013) designa de *preariado*. Mesmo quando dão vazão à sua indignação e às suas revoltas, há que se ter em conta a seguinte dificuldade: eles já não enfrentam um capitalismo clássico, fordista, de produção, mas um novo tipo de capitalismo, cuja lógica de controle e modulação das condutas funciona pela assimilação da diferença, pela exaltação das singularidades e pela celebração da diversidade (“Seja diferente, seja igual!!!”), o que termina por fazer com que todos

esses signos se vejam atravessados por ambiguidades desconcertantes, as quais, por sua vez, não só confundem os jovens inquietos e indignados, como também dificultam o exercício de suas políticas contestatórias. A esse respeito - como se estivesse aludindo, por exemplo, ao movimento *Culture Jamming* -, afirma o historiador Patrick Boucheron (2018, p. 23-24):

Essa questão da instabilidade dos códigos simbólicos, de sua reversibilidade, é mais séria do que parece. Talvez ela explique porque é tão difícil se revoltar hoje em dia, quando todos os sinais se tornaram ambíguos. Nunca sabemos muito bem se a zombaria conforta ou desestabiliza a ordem. É por isso que a revolta hoje consiste primeiro em manipular os símbolos, para então ressignificá-los, apropriar-se de um universo estável e relativamente unívoco de significações.

5. “DUAS PSICOLOGIAS”, DUAS DISTINTAS IMPLICAÇÕES AOS ANOS 68 E À POLÍTICA:

Há motivos mais do que pertinentes e razoáveis, senão irrefutáveis, para considerarmos que a década de 1960, com toda a radicalização política e as agitações intensivas e contraculturais que nela tiveram lugar e que lhe eram concernentes, tenha se mostrado simultaneamente como um cenário social e um período histórico particularmente importante na história da psicologia, nesta promovendo inflexões, deslocamentos, descontinuidades, bifurcações, assim como desdobramentos diversos em suas orientações políticas, filosóficas, teórico-metodológicas, e em suas práticas e campos de intervenção e/ou aplicação. Não tenho como, porém, no escopo desse ensaio, explorar, com a amplitude e a profundidade que seriam desejáveis, as múltiplas e complexas relações entre a psicologia e a política ao longo dessas últimas cinco décadas, razão pela qual me limitarei aqui a tecer apenas algumas breves aproximações ao tema, buscando relacioná-lo tanto às forças e à atmosfera dos anos 68 quanto ao processo no transcurso do qual elas vieram a se dissipar, enfraquecer e esvaziar.

Assim, de um lado, supondo que tenha havido um real envolvimento da psicologia com aquela cultura iconoclasta e contestatória, trata-se, então, de pensar as diferentes maneiras mediante as quais ela se deixou afetar *pelas*, ou agenciou-se efetivamente às turbulências dos anos 68, e isso tanto para o melhor (no sentido de potencializá-las) quanto para o pior (no sentido de combatê-las). Inversamente, por outro lado, caso ela tenha se mantido entre alheia e distante em face daquelas turbulências, quais as consequências de tal posicionamento? Esta empresa se revela tanto mais difícil na medida em que é no mínimo problemático falar de psicologia, no singular, de forma maciça, una e homogênea, quando na realidade o que se verifica é a existência de uma variedade heteróclita de tendências, orientações e abordagens em psicologia, mais ou menos radicais, em termos políticos, e mais ou menos transversais, conforme as relações que guardam com outros campos de práticas e saberes e/ou conhecimentos. Estabelecendo, pois, um necessário recorte, dentre as psicologias que se alinharam à, ou se deixaram influenciar, em maior ou menor medida, pela onda contestatória dos anos 68, privilegiarei aqui um movimento ou uma corrente, comumente conhecido como *institucionalista*, que agrupa tendências diversas e distintas, tais como as *abordagens grupistas argentinas* (o grupo Plataforma, de Marie Langer, Gregório Barembliitt, Armando Bauleo, Hernan Kesselman, Emilio Rodrigué etc.; a abordagem dos grupos operativos, de Enrique Pichon Rivière; a psicoterapia institucional, de José Bleger, o psicodrama grupal de Eduardo Pavlovsky; mais tardiamente, a psicoterapia do oprimido, de Alfredo Moffatt etc.), a *psicoterapia institucional* (de Jean Oury, Félix Guattari e René

Lourau), a *análise institucional*, (de Georges Lapassade e René Lourau), a *sociopsicanálise* (de Gérard Mendel), a *esquizoanálise*, (de Gilles Deleuze e Félix Guattari), a *pedagogia institucional* (de Aída Vazquez, Michel Lobrot, Fernand Oury, Raymond Fonvieille etc.); a abordagem antropológica do *interacionismo simbólico* (de Howard Becker e Erving Goffman), a *antipsiquiatria inglesa* (de Ronald Laing e David Cooper); a prática a psiquiatria democrática italiana (de Franco Basaglia e Franco Rotelli); ao que se poderia acrescentar, ainda, o pensamento de Michel Foucault e os trabalhos do sociólogo Robert Castel e do antropólogo Pierre Clastres. Certamente esse corrente institucionalista não é a única que guarda proximidade, envolvimento e/ou influência dos anos 68³, mas muito provavelmente ela encarna mais do que qualquer outra, a meu ver, aquilo que Deleuze e Guattari denominam de *devir minoritário*, no presente caso, um devir minoritário da psicologia. Eliana Conde Rodrigues (2013, p. 609) nos aponta algumas afinidades eletivas mais ou menos compartilhadas por essas diferentes tendências, o que lhes daria um estilo comum:

(...) preocupação em problematizar o que parece natural aos olhos da maioria; interesse por transformações nos campos da saúde, saúde mental, educação etc.; recusa a reduzir a abordagem de qualquer questão ao que sobre ela afirma a psicologia, considerando o que esta diz e/ou faz como parte do tema em análise; livre incursão por vários espaços do saber – ciências sociais, história, filosofia etc.; referência constante às relações de poder que permeiam a produção de conhecimento; repetida alusão a movimentos de caráter libertário – maio de 68, em especial (...).

Com esse estilo comum e abraçando em maior ou menor medida essas inclinações, o movimento ou corrente institucionalista, sobretudo em suas vertentes mais radicais (esquizoanálise, psicoterapia institucional, análise institucional e pedagogia institucional) promoverá, por exemplo, algo mais do que a mera justaposição entre o desejo (Freud) e a produção (Marx) - aproximação esta que, bem ou mal, já vinha sendo exercitada desde meados do século passado pelos teóricos da Escola de Frankfurt, como Theodor Adorno, Max Horkheimer, Erich Fromm e Herbert Marcuse. Ela sinalizava, então, particularmente com em sua vertente esquizoanalítica, com a imanência e/ou coextensividade entre essas duas instâncias ou dimensões histórico-sociais. De outra parte, e também pelo estilo de suas problematizações e de suas intervenções, desgarrava-se relativamente tanto do par hegelianismo-marxismo quanto do par fenomenologia-existencialismo, os quais perfaziam uma espécie de horizonte sagrado não só para a teorização, como também para a práxis política nos anos 1960, o que terminou por fazê-la repensar ou questionar, pelo menos em parte, a ideia ou utopia, a um só tempo emancipadora e redentora, de prometer o homem ao homem. Se o voluntarismo político que lhe está associado não abandona de todo uma inclinação à *realização do possível*, de outra parte, passa a acolher com cada vez mais força e entusiasmo as ideias de *invenção e experimentação de novos possíveis*, e isso tanto na teoria quanto na prática, cuja relação, aliás, também é intensa e frequentemente repensada e redefinida. Outro dado importante a ser salientando é a ampliação do espectro das lutas políticas, garantida pelo acolhimento e assimilação ousada de outras “bandeiras” de luta, seja no campo da sexualidade, seja no âmbito das fronteiras movediças que então demarcavam o normal do patológico, ou do que hoje chamamos de inclusão e exclusão. Essas verdadeiras revoluções moleculares, para falar com Félix Guattari, ou essas genealogias, para falar com Michel Foucault, como bem salienta Heliana Conde Rodrigues (2013, p. 626), estão associadas, ainda, a alguns acontecimentos na França, os quais evocariam, no entender dela, uma análise institucional generalizada:

Apesar da Grande Recusa, maio de 68 nem tudo recusara, e anti-colonialismos até então pouco ruidosos passam a trazer às ruas novas *palavras de desordem*: 1970, primeira manifestação pública do MLF (Movimento de Liberação Feminina); 1971, criação do GIP (Grupo de Informação sobre as Prisões),

manifesto de 343 mulheres em favor do aborto livre e primeira fala pública da FHAR (Frente Homossexual de Ação Revolucionária); 1972, criação da Associação Médicos sem Fronteiras; 1974, nascimento do Movimento Ecológico Francês.

Ainda segundo essa mesma autora (2013), nem mesmo por ocasião da virada conservadora e do refluxo das lutas libertárias, ocorridos na França, a partir de 1974-1975, quando, por exemplo, os assim chamados *novos filósofos* (Bernard Henri-Lévy, André Glucksman, Pierre Jambert e Guy Lardreau) repudiaram seu passado marxista e se reorientaram para uma direção conservadora, encarnando a nova *dóxa* - haja vista terem trocado o real exercício do pensamento filosófico, com vocação crítica, pela lógica da comunicação, característica de uma sociedade do espetáculo -, a corrente institucionalista acovardou-se ou deu qualquer mostra de arrependimentos pelo aguerrido engajamento político de suas práticas e teorizações nos campos da saúde, da saúde mental, da educação, dentre outros.

Deparamo-nos com algo inteiramente distinto de toda essa atmosfera, de todas essas posições e práticas psicológicas e políticas, caso voltemos os olhos para toda uma tradição em psicologia cujas abordagens, com suas respectivas teorizações, pesquisas e práticas primaram, diversamente, pelo ajustamento e/ou adaptação dos indivíduos ao sistema social, para não falar que se caracterizaram por se constituírem como meios estratégicos para uma verdadeira dominação e/ou controle das condutas dos indivíduos, transformando a psicologia numa ciência puramente instrumental, marcadamente pragmática e funcional, no sentido de atender, sem maior resistência ou questionamento, às demandas do capitalismo clássico, de produção, fordista, sobretudo na medida em que ela foi gradativamente assimilada ao mundo da produção, vale dizer, ao campo das organizações, da administração, em suma, ao mercado, sendo por eles domesticada.

Tal psicologia, desde a passagem do século XIX ao século XX, seja como disciplina científica, seja como nova ciência, constituiu-se sem demora, juntamente com a psiquiatria e a psicanálise, como parte crucial do campo “médico-psi”, passando a atuar ativamente nos processos de higienização e disciplinarização dos corpos e subjetividades infanto-juvenis, assim como das famílias pobres e operárias, integrando mais amplamente, o que Michel Foucault (1988) designou de *dispositivo da sexualidade*, concorrendo, enfim, para um amplo e gradativo processo de medicalização e normalização das sociedades ocidentais. Com esse intuito, operou de forma crucial na colocação do sexo em discurso, através de práticas confessionais e de outras *tecnologias do eu*, voltadas ao governo das condutas, concorrendo, portanto, para a produção de corpos-subjetividades dóceis e úteis ao sistema. Através de um uso amplo e desmedido da psicometria, alargou seu campo de ação para vários domínios da sociedade, tais como os da educação, da saúde, das forças armadas, das organizações como um todo etc.

No início dos anos 1970, no Brasil, quando a ditadura militar radicalizava sua repressão sangrenta aos estudantes sublevados, momento em que os jovens se viram duplamente acuados e vistos como suspeitos pela população, seja por serem categorizados pela mídia como “subversivos” e/ou “terroristas” seja como “drogados”, ambos os rótulos encarnando figuras perigosas à sociedade brasileira, coube a essa psicologia normalizadora, adaptacionista e reacionária combater toda a desordem de que eles eram os símbolos e os arautos, perscrutando, em pesquisa realizada em 1970, os motivos pelos quais esses jovens teriam seguido os caminhos ignóbeis da subversão e do terrorismo. Quem melhor do que a psicóloga e ativista Cecília Coimbra⁴ (Apud Ferrer, 2011, p. 45) para nos falar dos resultados obtidos por esse primor de psicologia aplicada?

As “brilhantes” conclusões dessa pesquisa apresentavam 73% de indivíduos com dificuldades de relacionamento, escasso interesse humano e social e difícil comunicação; em suma, pessoas difíceis. Além disso, outras características lhes foram atribuídas: imaturos, desajustados, inseguros, instáveis. Portanto, aqueles que se lançavam na resistência à ditadura militar apareciam desacreditados com a pecha de doentes, como casos patológicos que deveriam ser submetidos a tratamento.

Particularmente a partir de meados dos anos 1970, esse modelo dominante de psicologia esteve cada vez mais implicado, de um lado, à conversão das sociedades contemporâneas em sociedades hiperconsumistas e, de outro, àquele generalizado processo de empresariamento das sociedades a que me referi anteriormente, sendo um dos principais responsáveis pela disseminação de uma cultura do empreendedorismo e de uma educação empreendedora e de caráter permanente (pois já não se termina nada, em se tratando de educação), a qual, por sua vez, apregoa, além de uma pedagogia das competências (capital humano), a concorrência, a meritocracia e o individualismo. Uma vez incorporado à governamentalidade neoliberal, esse tipo de psicologia passa a confundir-se com uma espécie de *economia comportamental*, que tem por objetivo transformar as pessoas no novo *homo oeconomicus* (neoliberal), isto é, num indivíduo não só previsível e reativo/responsivo, mas também de conduta altamente maleável e sensível a uma série de intervenções ambientais estratégicas, voltadas à condução de suas condutas. Sob esse prisma, em termos de relações de forças, esse modelo de psicologia vê-se praticamente forçado a compor-se *com* ou a render-se às novas tecnologias que perfazem o campo da gestão empresarial (*management*). De um modo ou de outro, ele tende a condicionar a qualificação da vida dos jovens, bem como sua inclusão social, a uma ampla e profunda submissão aos ditames do mercado, quer dizer, ao individualismo, à concorrência, ao empreendedorismo, ao culto à performance, ao networking, dentre outros. Conforme nos lembra Patrick Boucheron, conspirar (*conspiratio*) significa “respirar junto”, o que no mais das vezes se faz secretamente, em bando, em grupo, e para o que necessita-se de ar (de espaço, de tempo, ocasião e de uma ambiência favorável), ou seja, tudo o que vem sendo sonhado aos nossos jovens em nosso presente histórico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Regina D. B. de; JOSEPHSON, Silvia C. A invenção das massas: a psicologia entre o controle e a resistência. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur A. L.; PORTUGAL, Francisco Teixeira. (Orgs.).

História da Psicologia: rumos e percursos. 3a. Ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2013, p. 501-523.

BOCK, Ana Mercês B.; FURTADO, Odair. A psicologia no Brasil e suas relações com o marxismo. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur A. L.; PORTUGAL, Francisco Teixeira. (Orgs.). **História da Psicologia:** rumos e percursos. 3a. Ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2013, p. 595- 606.

BOUCHERON, Patrick. **Como se revoltar?** (conferência pronunciada em 13 de fevereiro de 2016 no Teatro de Montreuil, nos arredores de Paris e seguida de uma sessão de perguntas e respostas). 1a. Ed. São Paulo: Ed. 34, Col. Fábula, 2018.

CARDOSO, Fátima. Alpinismo: um corpo nas alturas. In: **Revista Superinteressante**. 31/10/2016 s/p., disponível em: <https://super.abril.com.br/saude/alpinismo-um-corpo-nas-alturas/>. Acesso em 03/08/2018.

COHN, Sergio; PIMENTA, Heik. (Orgs.). **Maio de 68**. (com participação especial de Renato Rezende). Rio de Janeiro: Ed. Beco do Azogue, Col. Encontros, 2008.

COIMBRA, Cecília Maria B. **Guardiães da Ordem**: uma viagem pelas práticas *psi* no Brasil do “Milagre”. Rio de Janeiro: Ed. Oficina do Autor, 1995.

CORRÊA, Erick. Apresentação. In: CORRÊA, Erick; MHEREB, Maria Tereza. (Orgs.). **68**: como incendiar um país. São Paulo: Ed. Veneta, Col. Baderna, 2018.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, Col. Estado de Sítio, 2016.

_____. **Comum**: ensaio sobre a revolução no século XXI. São Paulo: Ed. Boitempo, Col. Estado de Sítio, 2017.

DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum* sobre as sociedades de controle. In: *Idem*. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, Col. Trans, 1992, p. 219-226.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Maio de 68 não ocorreu. In: DELEUZE, Gilles. **Dois Regimes de Loucos**. Textos e entrevistas (1975 – 1995). São Paulo: Ed. 34, Col. Trans, 2016, p. 245-248.

FERRER, Eliete. (Org.). **68**: a geração que queria mudar o mundo – relatos. Brasília: Ministério da Justiça; Comissão de Anistia, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.

_____. **A Vontade de saber** (História da sexualidade). 7a. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, vol. 1, 1988.

_____. **Nascimento da Biopolítica**. Curso no Collège de France (1979-1980). São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2008.

GUATTARI, Félix. **Revoluções moleculares**: pulsações políticas do desejo. 2a. Ed. (Seleção, prefácio e tradução de Suely B. Rolnik). São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.

LAZZARATO, Maurizio. **La Fabrica del Hombre endeudado**: ensayo sobre la condición neoliberal. Buenos Aires: Amorrortu, 2013.

_____. **Governo das Desigualdades**: crítica da insegurança neoliberal. São Carlos (SP): Ed. Da UFSCar, 2011;

- LÓPEZ-RUIZ, Osvaldo. **Os Executivos das Transnacionais e o Espírito do Capitalismo:** capital humano e empreendedorismo como valores sociais. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.
- MARTON, Scarlett. (Ed. Responsável). **Dicionário Nietzsche.** São Paulo: Edições Loyola; Grupo de Estudos Nietzsche (GEN), Col. Sendas e Veredas, 2016.
- MATOS, Olgária C. F. **Paris 1968:** as barricadas do desejo. 3a. Edição. São Paulo: Ed. Brasiliense, Col. Tudo é História, vol. 9, 1989.
- NAIRN, Tom; QUATTROCCHI, Angelo. **O Começo do Fim:** França, maio de 68. (Prefácio de Tariq Ali). Rio de Janeiro: Ed. Record, 1998.
- NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. **Bem-Estar Comum.** Rio de Janeiro: Ed. Record, 2016.
- NETO, Torquato. **Os últimos Dias de Paupéria.** Rio de Janeiro: Ed. Eldorado, 1973.
- PORTUGAL, Francisco T. A Psicologia Social em Herbert Mead, na Escola de Chicago e em Erving Goffman. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur A. L.; PORTUGAL, Francisco Teixeira. (Orgs.). **História da Psicologia:** rumos e percursos. 3a. Ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2013, p. 525-534.
- RODRIGUES, Heliana de B. C. "Sejamos realistas, tentemos o impossível." Desencaminhando a psicologia através da análise institucional. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur A. L.; PORTUGAL, Francisco Teixeira. (Orgs.). **História da Psicologia:** rumos e percursos. 3a. Ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2013, p. 609-657.
- SÁ, Celso P. de. As representações sociais na história recente e na atualidade da psicologia social. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur A. L.; PORTUGAL, Francisco Teixeira. (Orgs.). **História da Psicologia:** rumos e percursos. 3a. Ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2013, p. 661-676.
- SOARES, Jorge C. Escola de Frankfurt: unindo materialismo e psicanálise na construção de uma psicologia social marginal. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur A. L.; PORTUGAL, Francisco Teixeira. (Orgs.). **História da Psicologia:** rumos e percursos. 3a. Ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2013, p. 563-591.
- SPINK; Mary Jane; SPINK, Peter K. A psicologia social na atualidade. In: JACÓ-
- STANDING, Guy. **O Precariado:** a nova classe perigosa. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2013.
- VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur A. L.; PORTUGAL, Francisco Teixeira. (Orgs.). **História da Psicologia:** rumos e percursos. 3a. Ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2013, p. 679-700.

Notas

¹ CARDOSO, Fátima. Alpinismo: um corpo nas alturas. In: Revista Superinteressante. 31/10/2016 s/p., disponível em: <https://super.abril.com.br/saude/alpinismo-um-corpo-nas-alturas/>. Acesso em 03/08/2018.

² Para maiores informações sobre a governamentalidade neoliberal, cf.: Foucault (2008); Dardot e Laval (2016); Lopez-Ruiz (2007) e Lazzarato (2011; 2013).

³ Para que se tenha ideia de outras tendências e/ou abordagens psicológicas críticas, não só sintonizadas aos anos 68, mas também muito importantes na história da psicologia, inclusive, no Brasil, vale a pena consultar Barros e Josephson (2013); Bock e Furtado (2013); Portugal (2013), Sá (2013), Soares (2013); e Spink e Spink (2013).

⁴ Cf. A respeito das implicações e da cumplicidade da psicologia brasileira com o arbítrio implantado pela ditadura militar no Brasil, particularmente no que tange à situação dos jovens, faz-se mister conferir: COIMBRA, Cecília Maria B. Guardiães da Ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do "Milagre". Rio de Janeiro: Ed. Oficina do Autor, 1995.